

YEONMI PARK  
com Maryanne Vollers

# Para poder viver

*A jornada de uma garota norte-coreana  
para a liberdade*

*Tradução*  
Paulo Geiger



COMPANHIA DAS LETRAS

Edição original em língua inglesa publicada por Penguin Books Ltd, Londres  
Copyright do texto © 2015 by Yeonmi Park  
A autora assegura seus direitos morais.  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

In Order to Live: A North Korean Girl's Journey to Freedom

*Foto de capa*

© Stefan Ruiz/ Telegraph Media Group Limited 2015

*Mapa*

John Gilkes

*Fotos*

Cortesia de Yeonmi Park

*Preparação*

Oswaldo Tagliavini Filho

*Revisão*

Angela das Neves

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Park, Yeonmi

Para poder viver : A jornada de uma garota norte-coreana para a liberdade / Yeonmi Park, com Maryanne Vollers ; tradução Paulo Geiger. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: In Order to Live : A North Korean Girl's Journey to Freedom.

ISBN 978-85-359-2688-0

1. Coreia (Norte) – Condições econômicas 2. Coreia (Norte) – Condições sociais 3. Coreia (Norte) – Política e governo 4. Park, Yeonmi, -1993 1. Vollers, Maryanne II. Título.

---

16-00582

CDD-920.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Coreia do Norte : Memórias 920.72

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

*Prólogo*, 13

## PARTE I: COREIA DO NORTE

1. Até os pássaros e os ratos podem te ouvir sussurrar, 21
2. Uma história perigosa, 33
3. Andorinhas e pegas, 43
4. Lágrimas de sangue, 52
5. O Querido Líder, 61
6. Cidade dos sonhos, 75
7. As noites mais escuras, 90
8. Uma canção para Chosun, 101
9. Geração *Jangmadang*, 113
10. As luzes da China, 127
11. Desaparecida, 137

## PARTE II: CHINA

12. O outro lado da escuridão, 147
13. Um acordo com o demônio, 162

14. Um presente de aniversário, 175
15. Pó e ossos, 187
16. Sequestrada, 194
17. Como pão que caiu do céu, 207
18. Seguindo as estrelas, 214

PARTE III: COREIA DO SUL

19. Os pássaros da liberdade, 229
20. Sonhos e pesadelos, 243
21. Uma mente ávida, 254
22. Agora a caminho de conhecer você, 267
23. Uma graça extraordinária, 279
24. Chegando em casa, 291

*Agradecimentos*, 304

PARTE I  
COREIA DO NORTE

# 1. Até os pássaros e os ratos podem te ouvir sussurrar

O rio Yalu serpenteia como a cauda de um dragão entre a China e a Coreia do Norte em seu curso até o mar Amarelo. Em Hyesan ele se abre num vale entre as montanhas Paektu, onde a cidade de 200 mil habitantes se espria entre colinas ondulantes e um alto platô coberto de campos, faixas de árvores e sepulturas. O rio, normalmente raso e manso, fica congelado e sólido durante o inverno, que dura a maior parte do ano. É a região mais fria da Coreia do Norte, com temperaturas que às vezes atingem quarenta graus Celsius negativos. Só os mais rijos sobrevivem.

Para mim, Hyesan era meu lar.

Do outro lado do rio fica a cidade chinesa de Chaingbai, que tem uma grande população de coreanos étnicos. Famílias de ambos os lados da fronteira têm comerciado umas com as outras durante gerações. Quando eu era criança, costumava ficar na escuridão contemplando as luzes de Chaingbai do outro lado do rio, perguntando-me o que estaria acontecendo além dos limites de minha cidade. Era excitante ver os fogos de artifício colori-

dos explodindo no preto aveludado do céu durante os festivais do Ano-Novo chinês. Nós nunca tínhamos coisas parecidas no nosso lado da fronteira. Às vezes, quando eu caminhava rio abaixo para encher meus baldes com água e o vento úmido soprava na direção certa, eu podia sentir o aroma de comidas deliciosas, como macarrão no óleo e bolinhos sendo feitos nas cozinhas do outro lado. O mesmo vento trazia as vozes das crianças chinesas que brincavam na margem oposta.

“Ei, você! Está com fome aí?”, gritavam os meninos em coreano.

“Não! Cale a boca, seu chinês gordo!”, eu gritava de volta.

Não era verdade. De fato, eu estava com muita fome, mas não adiantava falar sobre isso.

Cheguei a este mundo cedo demais.

Minha mãe estava com apenas sete meses de gravidez quando entrou em trabalho de parto, e eu pesava menos de um quilo e meio quando nasci, em 4 de outubro de 1993. O médico no hospital de Hyesan disse à minha mãe que eu era tão pequena que não havia nada que pudessem fazer por mim. “Ela pode viver ou pode morrer”, ele disse. “Não sabemos.” Eu dependia de mim mesma para viver.

Não importava com quantos cobertores minha mãe me embrulhava, ela não conseguia me manter quente. Então esquentou uma pedra e a pôs no cobertor junto comigo, e foi assim que sobrevivi. Alguns dias depois, meus pais me levaram para casa e aguardaram.

Minha irmã, Eunmi, tinha nascido dois anos antes, e dessa vez meu pai, Park Jin Sik, esperava que fosse um filho. Na patriarcal Coreia do Norte, é a linhagem masculina que realmente importa. Contudo, ele logo se refez de seu desapontamento. Na

maioria das vezes, é a mãe quem cria os laços mais fortes com um bebê, mas era meu pai quem vinha me acalmar quando eu chorava. Era nos braços dele que eu me sentia protegida e acalentada. Desde o início, tanto minha mãe quanto meu pai me encorajaram a ter orgulho de quem eu sou.

Quando eu era bem nova, morávamos numa casa de um andar no alto de uma colina, acima dos trilhos da ferrovia que se encurvavam como uma espinha enferrujada através da cidade.

Nossa casa era pequena e sempre batida pelo vento, e como tínhamos uma parede comum com os vizinhos, sempre podíamos ouvir o que se passava ao lado. Também podíamos ouvir ratos chiando e correndo pelo forro do teto à noite. Mas para mim era um paraíso porque lá estávamos juntos, como uma família.

Minhas primeiras memórias são da escuridão e do frio. Durante os meses de inverno, o local mais popular em nossa casa era a pequena lareira onde ardia a lenha, ou o carvão, ou o que quer que conseguíssemos encontrar. Cozinhávamos em cima daquele fogo, e havia canais por baixo do chão de cimento para levar a fumaça até uma chaminé, no outro lado da casa. Esse tradicional sistema de aquecimento deveria supostamente manter o recinto aquecido, mas não era páreo para as noites geladas. No fim do dia, minha mãe estendia um grosso cobertor junto ao fogo e todos mergulhávamos sob as cobertas — primeiro minha mãe, depois eu, em seguida minha irmã e por último meu pai, no lugar mais frio. Quando o sol se punha, não se podia enxergar absolutamente nada. Em nossa região da Coreia do Norte, era normal passarem-se semanas e até mesmo meses sem eletricidade, e velas eram um artigo muito caro. Assim, brincávamos de jogos no escuro. Às vezes, debaixo das cobertas, provocávamos uns aos outros.



“De quem é este pé?”, dizia minha mãe, cutucando com seu dedão.

“É meu, é meu!”, gritava Eunmi.

Nas noites e manhãs de inverno, e até mesmo no verão, para onde quer que olhássemos, podíamos ver fumaça saindo das chaminés de Hyesan. Nossa vizinhança era muito acolhedora e pequena, e conhecíamos cada pessoa que vivia ali. Se não estivesse saindo fumaça da casa de alguém, íamos lá bater à sua porta para verificar se estava tudo bem.

Os caminhos não pavimentados entre as casas eram estreitos demais para os carros, embora isso não fosse um grande problema, já que havia tão poucos carros. As pessoas em nosso bairro andavam a pé, ou de bicicleta ou de moto, para os poucos que podiam ter uma. Os caminhos ficavam escorregadios de lama depois de uma chuva, e esse era o melhor momento para as crianças da vizinhança brincarem de seu jogo de pega-pega favorito. Mas eu era menor e mais lenta que as outras de minha idade, e para mim sempre foi difícil acompanhar a brincadeira e me manter de pé.

Quando comecei a ir à escola, Eunmi às vezes tinha de brigar com as crianças mais velhas para me defender. Ela também não era muito grande, mas era esperta e ágil. Era minha protetora e companheira nas brincadeiras. Quando nevava, me carregava até o alto das colinas que cercavam nosso bairro, punha-me no colo e envolvia os braços em torno de mim. Eu segurava firme enquanto voltávamos deslizando sobre nossas nádegas, gritando e rindo. Eu era feliz por ser parte do mundo dela.

No verão, todas as crianças desciam para brincar no rio Yalu, mas nunca aprendi a nadar. Eu só ficava sentada na ribanceira enquanto os outros patinhavam na corrente. Às vezes minha irmã ou minha melhor amiga, Yong Ja, viam que eu estava sozinha e me traziam algumas pedrinhas bonitas que tinham achado no fundo

do rio. E às vezes me seguravam nos braços e me carregavam um pouco na água, antes de me levarem de volta para a margem.

Yong Ja e eu tínhamos a mesma idade e vivíamos na mesma região da cidade. Eu gostava dela porque éramos boas em usar nossa imaginação para criar nossos próprios brinquedos. Podiam-se encontrar à venda no mercado algumas bonecas e outros brinquedos fabricados, mas em geral eram caros demais. Em vez disso, fazíamos tigelas e pequenos animais de barro, e às vezes até tanques em miniatura — brinquedos de caráter militar feitos em casa eram muito comuns na Coreia do Norte. Mas nós, meninas, tínhamos obsessão por bonecas de papel e passávamos horas recortando-as de papel grosso, fazendo para elas, das sobras, vestidos e echarpes.

Às vezes minha mãe fazia cata-ventos para nós, e nós os prendíamos na passarela de metal sobre a estrada, a qual chamávamos de Ponte da Nuvem. Anos depois, quando a vida ficou muito mais difícil e mais complicada, eu passava por essa ponte e pensava como ficávamos felizes ao olhar aqueles cata-ventos girando à menor brisa.

Quando eu era pequena, não ouvia os ruídos mecânicos de fundo, como agora na Coreia do Sul e nos Estados Unidos. Não havia caminhões revirando o lixo, buzinas soando ou telefones tocando em toda parte. Tudo que eu podia ouvir eram sons de pessoas: mulheres lavando a louça, mães chamando seus filhos, o tilintar de colheres e hashis na tigela de arroz quando as famílias sentavam-se para comer. Às vezes eu podia ouvir meus amigos levando bronca de seus pais. Não havia música ressoando ao fundo nem olhos grudados em smartphones. Mas havia intimidade e conexão humanas, algo difícil de encontrar no mundo moderno que vivo hoje.

Em nossa casa em Hyesan, os canos d'água quase sempre estavam vazios, e assim era comum minha mãe descer com nossas roupas até o rio para lavá-las ali. Quando as trazia de volta, espalhava-as sobre o chão quente para secar.

Como o fornecimento de eletricidade era muito raro em nossa vizinhança, sempre que as luzes se acendiam, as pessoas ficavam tão felizes que começavam a cantar, bater palmas e gritar. Acordávamos para comemorar até mesmo no meio da noite. Quando você tem tão pouco, a menor coisa pode fazê-lo feliz — e essa é uma das poucas características da vida na Coreia do Norte das quais eu realmente tenho saudade. Claro que as luzes nunca ficavam acesas por muito tempo. Quando se apagavam, apenas dizíamos: “Ah, tudo bem”, e voltávamos a dormir.

Mesmo quando a eletricidade chegava, a potência era muito baixa, e assim muitas famílias tinham um amplificador de voltagem para poder utilizar seus aparelhos. Essas máquinas estavam sempre pegando fogo, e numa noite de março isso aconteceu em nossa casa, quando nossos pais estavam fora. Eu era apenas um bebê, e tudo de que me lembro é de acordar chorando enquanto alguém me carregava através da fumaça e das chamas. Não sei se foi minha irmã ou nosso vizinho que me salvou. Minha mãe chegou correndo quando alguém lhe contou do incêndio, mas minha irmã e eu já estávamos em segurança na casa do vizinho. Nossa casa foi destruída pelo fogo, mas logo meu pai a reconstruiu com as próprias mãos.

Depois disso, plantamos um jardim em nosso pequeno quintal cercado. Minha mãe e minha irmã não estavam interessadas em jardinagem, mas meu pai e eu gostávamos muito. Plantamos abobrinha, repolho, pepinos e girassóis. Meu pai também plantou ao longo da cerca belas flores de fúcsia, ou brinco-de-princesa, que chamávamos de “gotas de orelha”. Eu adorava pendurar os longos e delicados botões em minhas orelhas, fin-

gindo que eram brincos. Minha mãe perguntou a meu pai por que estava desperdiçando um espaço valioso plantando flores, mas ele a ignorou.

Na Coreia do Norte, as pessoas viviam perto da natureza e desenvolveram a habilidade de prever como estaria o tempo no dia seguinte. Não tínhamos internet, e geralmente não conseguíamos assistir às transmissões do governo na televisão por causa da falta de eletricidade. Assim, tínhamos de imaginá-las nós mesmos.

Durante as longas noites de verão, nossos vizinhos sentavam-se todos do lado de fora das casas, ao ar livre ao anoitecer. Não havia cadeiras; sentávamos no chão, olhando para o céu. Se vissemos lá em cima milhões de estrelas, alguém observaria: “Amanhã vai fazer sol”. E todos murmurávamos em assentimento. Se houvesse apenas milhares de estrelas, algum outro poderia dizer: “Parece que amanhã o dia vai ser nublado”. Esse era o nosso método local de previsão do tempo.

O melhor dia de todo mês era o Dia do Macarrão, quando minha mãe comprava a massa do macarrão fresca e úmida feita numa máquina na cidade. Queríamos que a massa durasse bastante tempo, e para isso a estendíamos no chão quente da cozinha para secar. Para minha irmã e para mim, era como um dia de feriado, porque surrupiávamos alguns macarrões e os comíamos enquanto ainda estavam macios e doces. Em meus primeiros anos, antes de nossa cidade ser atingida pela pior fase do período de fome que assolou a Coreia do Norte em meados da década de 1990, nossos amigos costumavam aparecer e nós dividíamos o macarrão com eles. Na Coreia do Norte, era de supor que você dividisse tudo. Mas depois, quando os tempos ficaram muito mais difíceis para minha família e para o país, minha mãe nos disse para mandar as crianças embora. Não podíamos nos permitir dividir nada.

Nos bons tempos, uma refeição familiar consistia em arroz, *kimchi*,\* algum tipo de feijão e sopa de algas. Mas eram itens caros demais para comer em tempos magros. Às vezes deixávamos de fazer uma refeição, e frequentemente tudo que tínhamos era um ralo mingau de trigo ou cevada, feijões ou batatas escuras congeladas e moídas em forma de bolo recheado com repolho.

\* Comida típica coreana, vegetal temperado com alho, pimenta vermelha e gengibre. (N. T.)